

A COMEDIA SOCIAL

Advertencia.

O gerente da Comedia Social não pode presenciar do auxilio das Srs. assinantes, para regularizar a entrega desta folha, e por isso peço aos mesmos senhores a obsequio de, no caso de qualquer falta, mandar aviso, ao escriptorio da redacção, rum do Rozario, n.º 43, 1.ª andar.

RIO DE JANEIRO, 15 DE DEZEMBRO DE 1870

Uma lição.

PRIMO AUTOR DO S. AMOR FATAL.

I.
O Sr. José Joaquim Kiecherer (Tã) é um honesto velho que, possuindo muitas qualidades recommendaveis, é, contudo, muito bairragulo, muito rabeigento, muito burro e tão apaixonado pelas idéias retrograduals como um legista pelo pasto do ministrio.

Quando foi inaugurado nesta corte a illuminação a gaz, o Sr. José Joaquim por muito tempo se recusava a aproveitar-se da nova luz, allegando que era obra do demónio; e quando a telegraphos, ainda agora não é capaz do ver o fio electrico sem fazer o signal da cruz.

Não admira, pois, que, sabendo do caso do Juca Rosa, prohibisse que a mulher e as filhas sahisses de casa sem sua permissão expressa e sem serem acompanhadas por pessoa de sua confiança.

II.

O Sr. Aristophanes Democrito, amigo especial do Sr. José Joaquim, é uma especie de Cincinnato Quebra-Louça, não podendo desdizer-se do muito incómodo costume de chamar as cousas pelas seus nomes verdadeiros. A sociedade, como o leitor deve adivinhar, escandalisou-se não pouco por causa d'esse costume, e só tolera o Sr. Aristophanes por commisar-se muito d'uma desgraça que o coitado herdou e que não é mais nem menos do que a bagatella de cincoenta contos annuaes.

III.

Ha alguns dias os Srs. José Joaquim e Aristophanes encontraram-se na rua.

Aquello convidou a este para que o acompanhasse até a casa afim de *procurar* um bocado com as senhoras.

— Desconfie-me, meu amigo, respondeu Aristophanes, eu prezo muito a minha dignidade para *procurar* conversar com mulheres que só aguardam uma occasião opportuna para se deshonrarem.

O Sr. Joaquim José ficou furioso; sua cara tornou-se mais roxa do que as melhores terças de S. Paulo, e elle lançou sobre a cabeça indifferente do amigo uma torrente de invectivas, que, graças á sua formação physica, foi logo terminada pelo cansasso.

Conservando sempre o seu sangue-frio, o Sr. Aristophanes aguardou com paciencia este momento, e então respondeu:

— Eu não julgava que fazia mal declarar entre nós o que voce proclama alto e bom som perante todo o mundo.

— E' o que faltava! Poi, o senhor (e não quero que me trate mais por « voce » — não estou para isso com semelhante...) sempre-lhe (e sempre-lhe) pois o senhor está tão sem vergonha e tão atrevido que allega uma mentira tão monstruosa?

— Não é mentira. Pelo acto de encerrar sua mulher e filhas em casa, condemnando-as a uma vida monotona, o senhor diz claramente ao mundo e a ellas que as acha indignas da sua confiança; e de tanto desmoralisa a sua familia, e convidá os ataques de libertinos. Accredite, meu amigo, que o modo de fazer a planta resistir aos raios ardentes do sol não é collocar-na na sombra, e sim regar-lhe as raizes e dar-lhe um bom solo. Aisolamento e restricção nunca podem

formar boas esposas; nossas mulheres para o serem precisam do respeito, desenvolvimento e uma boa educação. Até logo.

O Sr. José Joaquim foi para casa e pôde-se a reflectir, occupação em que levou tres dias, cinco horas e dezesseis minutos. No fim deste prazo tomou uma resolução.

IV.

Não disse qual foi a resolução que o Sr. José Joaquim tomou. Sómente digo que de novo os pesinços de suas filhas fazem musica sobre a calçada das ruas, e os seus rostos bonitissimos e risosinhos alegrem a loja e o coração de muito negociante de fazendas.

A historia do organista.

ROMANIK.

(Continuação.)

Tinha bonitas feições, bello cabelo castanho escurissimo, e a miúdo parava-lhe nos labios um sorriso sorriso que logo depois passava a ser carranca.

Nunca ouvi quem lesse melhor. A sua entoação era tão distincta como a de um instrumento de musica. Homem fiel, não devoto, diligente nos deveres paucos e sinceramente religioso. Era extravagantemente amigo da sociedade das senhoras, e sentio solteiro, depressa tornou-se predilecto d'ellas. Talvez que nas relações pessoais e de negocio que mantinha com clérigos ou oitros muito para o individuo através das suas vestes. Em todo caso desde o principio não me deu muito no gozo o Sr. Hatcher.

Minha principal razão, supponho, era envolver-se elle com a minha musica. Tinha bom ouvido e algum gosto, mas não sabia cantar nem tocar coisa alguma. Contado a sua presumpção chegava a ponto de dar-me conselhos acerca de accordes; e nos ensaios quando o auditorio que convidado é muito limitado e escolhido, entrava inopinadamente, e punhase conhecido como se estivesse em sua casa.

Experimentei todos os meios, menos o de dizer-lhe assim, de mostral-lo que o considerava como intruso; mas elle não se dava por achado, e sorria-se para mim como se eu lhe tivesse dado um abraço apertado em vez de ter-lhe feito um acollimento frio.

Em breve tive outra causa de inquietação — ou de ciúme se voce quizer assim chamar. O Sr. Hatcher mostrava um gosto decidido pela minha linda cantora. Certamente tinha intuições perfeitamente honrosas.

Parecia ser assaz idôneo, ao menos até onde pude sondal-o, não *procurar* mulher, mas fazer interessarem-se por elle, quanto fosse possível, todas as senhoras nobres da igreja.

Não o censurei muito por isso, por ser esse namoro platónico quasi o unico divertimento excitante permittido a jovens clérigos. Mas pôde-se ver que o passatempo deve algumas vezes destruir a paz do espirito feminino.

A senhorita Beck, estava muitissimo satisfeita com o seu galanteio. Muitas mocinhas no seu lugar não terião resistido á tentação de namorar um pouco ao pastor — o namoro mais tentador do mundo — alizem as senhoras; mas ella não fez coisa alguma digna de menção para dar-lhe corda.

Achoi duro que o Sr. Hatcher procurasse tomar-me a dianteira nas affeições da senhorita Beck, quando tinha á sua exclusiva disposição cincoenta ou mais moças bonitas em baixo na igreja. Dizer que, ao ver o condutor tão macio com ella, tomou-se muito mais valioso aos meus olhos, é fazer apenas uma confissão da natureza humana.

Determinei-me a *procurar* seriamente ganhar o seu amor, e também forçar a Sr. Hatcher a recuar para o seu competente lugar. Como havia em de dar conta da tarefa?

Decidi-me a fazer passar por uma prova pratica a minha theoria da *nota sensivel* humana.

Não fatigal-o-lhei com a narração das minhas experiencias previas (bem pouco satisfactorias), que me levaram a adoptar essa estranha theoria, mas enunciarci somente a conclusão geral a que chegara. Ell-a:

Cada ente humano tem uma nota sensivel a que esse ente corresponde segundo o desenvolvimento da sua facultade musical; e fazendo-se soar essa nota sensivel nas condições convenientes, produzise a natureza real desse ente, revelando-se no semblante os segredos do seu coração e fica a creatura particularmente sujeita á influencia exercida pela pessoa que faz soar a nota.

Exprimo-me com sufficiente clareza? Obrigado — isso falta bem a favor da sua attenção e do seu discernimento.

Pois sim — tinha eu aguçado fortes motivos para recorrer á pratica d'essa estranha theoria, e procurava todas as occasiões opportunas para isso. Aqui achavam-se á senhorita Beck e o condutor nos ensaios, e aqui estava o meu orgão em que eu poderia ir tocando notas por experiencia, quando estivessem sentados ao pé de mim e ir vigiando o effeito produzido n'elles.

Com excepção do violino, o orgão é o unico instrumento sobre o qual se pôde experimentar bellamente a minha theoria, por ser o unico que dá uma nota firme e prolongada, capaz não só de despertar, mas ainda de conservar o estado sympathico da pessoa sobre a qual se faz a experiencia.

No seguinte ensaio acharam-se presentes como de ordinario as duas pessoas. A senhorita Beck estava extraordinariamente amavel aquillo tarde. Olhos grandes, negros, maliciosos, uma testa bellamente arredondada, uma cor de pecego, oca desapparecendo... mas não tentari descrevel-a, enquanto voce estiver ali sentado fazendo-me caretas. Em de todo ponto uma victima encantadora para os meus artilhos.

O condutor viera também muito vistoso. Estava muito animado e cativador, e pareceme haver tocado na nota sensivel da senhorita Beck por meio de alguma theoria sua propria. Apparecera aos meus olhos como um irmão genero. Estudei-o attentamente, e ficou confirmada uma velha suspeita minha que a sua jovialidade era em parte ficticia, e que por baixo della podia-se achar alguma coisa não tão pueril.

Esse ponto esperei ver em breve verificado pela minha theoria.

A senhorita Beck estava com uma voz encantadora nessa noite. Notei por vezes um pequeno tremor, causado talvez por ensaiar musica nova e difficil.

Fiquei alegre com isso, pois, pensei, ficaria mais segura a impressões.

Executamos alguns cantos e hymnos novos com especial satisfação do condutor, que sentava-se ao pé, e otitava frequentemente para o bello rosto do meu soprano, batendo o compasso condescendentemente com a cabeça, e fazendo chorar elogios sobre nós todos nos intervallos.

D'ahi a pouco fizemos uma longa pausa, e a senhorita Beck veio e collocou-se do pé perto de mim. Desejava a minha opinião sobre o muito difficil assumpto do merito respectivo de tres pianos rivaes. Dava isso materia para uma conversação que eu podia *procurar* facilmente por tempo indefinido.

(Continúa.)

REGADOS DOS AMIGOS

A vaidosa.

Muriquinhos fogo á sala,
Onde em honras se exalta,
Corre ao seu quarto, anelosa,
Quasi aos pulmões ao bo-fala.

Acedo a exparte creada
A' vez de bellas mentes,
Indagando a triste rausa
Dessa allicção, repentina.

— Ai! Julia!... Julia, que aperto!
 Afronta-me este espantido!...
 Eu me sublevo... eu receio
 Expisar de afogadinho.

— Simpatia esta tão linda!...
 Mas então... de tantos abraços...
 — Não esperes... estou bonita?...
 Eu tal caso aperta mais.

Juca Rosa.

O Juca Rosa continua a dar dinheiro a ganhar aos exploradores do seu processo. Mas o Juca Rosa tem um rival que também enfeitou os pupalvos, e que também é Rosa.

Coisas deste mundo!..

No poleio o feticheio.
 E a feticheio em poleio.
 Juca Rosa na cadeia.
 No alcazar Rosa Miria.

Asseguram que o Juca Rosa protesta que na cidade do Rio de Janeiro se ostentam inqumtas muitas outras feticheiras que a polícia ou protege, ou respeita.

- Por exemplo:
- Os amantillados de remedios que curam todas as molestias.
- Os negociantes labiados que vivem em luxo e magnificencia sem ver os credores que ficaram de boa aberta.
- Os empregados publicos que, sem outras fontes de renda, ganham dez e gastam vinte e ainda em cima arranjam fundo de reserva.
- Os homens pobres, cujas mulheres e filhas andam cobertas de brilhantes e não perdem bailes nem theatros.

E o diabo do Juca Rosa ainda vai além e jura que ha feticheira no thesouro publico; porque o Sr. Visconde de Itaboraity declarou no senado que havia sobras no thesouro e recursos sufficientes para as despesas do anno financeiro, e poucas semanas depois o novo ministro da fazenda, que é Honore, emittiu vinte e cinco mil apothecas de conto de de reis por não achar dinheiro no thesouro para as despesas publicas.

O Juca Rosa é mesmo um demónio.

Partidos politicos.

Não hade ser por facto de bandeira que navegarei ás torças a frota. Além dos partidos politicos peculiaes de cada provincia, temos principalmente os seguintes:

- Conservador-velho.
- Conservador-novo.
- Liberal.
- Radical.
- Republicano.

O que é singular é que convogo mais de duas dozas de politicos militantes que pertencem ao mesmo tempo a todos esses partidos.

Ha ainda um outro partido politico que não quer ter nome e que eu nomeio o — conforme: este é nomeado como um formiguento, e está sempre de cima: é commodo como um coeludo macio.

Mas — o eis ali a causa principal de muitas brigas de amigos!... — entre os conservadores velhos e novos, e entre os liberais, os radicantes e os republicanos são mais do cem os partidos mysteriosos e dissimulados e cada um destes partidos se compõe de um homem só, que forma o partido de si mesmo e tem por programma — a sua individualidade adiante de todos as outras.

O resultado disso é uma torre de Babel, em que muitos delles se entendem, mas o paiz não os entende.

É por sobras de bandeiras anda a frota sem bandeira.

Moeda falsa.

Como estamos em vespéra de afogar-nos em um mare magnum de reformas sociaes,

politicas e administrativas, não é muito que eu propoza também uma que será gôta d'agua no oceano.

Propoza sem mais nem menos a revogação de todo o capitulo II do titulo VI do nosso codigo criminal, isto é: propoza que a moeda falsa não seja mais considerada crime.

Tenho boas razões para fundamento da minha propozação.

Em primeiro lugar julgo que o publico se achou completamente desorientado em materia de moeda falsa, desde que um notavel estadista reformador declarou que a emissão de moeda papel pelo governo era crime de moeda falsa, e duas depois, entrando para o ministério, concorreu para se fazer avallada emissão de papel moeda.

Com este facto sem dúvida atrapalhou muito o juizo ministerio, e como sou de opinião que nenhum ministro deve achar-se atrapalhado, revogou-se o capitulo II do titulo VI do codigo criminal.

Mas as minhas razões não param ali. Creio que no Brasil é só o governo quem pode crear moeda nova, e dar-lhe circulação.

Certo tambem que o thesouro publico não pode dar, nem receber em pagamento moeda que não seja moeda.

Todavia o thesouro publico por amor dos trocos miudos dá e recebe em pagamento bilhetes de 200 rs. dos bondes ou carros americanos, e não sei se tambem de outras empresas.

De semelhante pratica deve-se concluir que o governo legalizou a circulação dos bilhetinhos dos bondes, das bondes de Nictheatry et cetera.

Isto posto, e não tendo as companhias de carros e de bondes privilegio para emittir moeda, segue-se que outras companhias, e quesequer espenalidades podem fazer o que fazem aquellas, e destructar as mesmas vantagens, e sendo assim não pode mais haver crime de moeda falsa; porque tal crime não está somente no imitação da moeda do governo.

Portanto lei igual para todos e viva a liberdade!...aptem ganhar bala moeda, e possa bilhetes em circulação.

E ha verdade o melhor dos principios economicos e financeiros.

Assim sobra dinheiro a todas.

O QUE VAI POR AHI

Como não tenho o meu gosto de assignar todos os dias desta capital, e confesso-me por esta a honrosa obrigação de escrever o folhetim da Comedia Social, continuo o habito, alias espulso, de dar todas as semanas um passajo pelas ruas da cidade, ao intuito de observar por mim proprio aquellos acontecimentos que por muito importantes os do continuo sujeitos a ser transfigurados pela imprensa diaria.

Esse habito levou-me haora a saber de casa, não obstante a grande reprobancia da fazer exercido, mostrar pelas ruas que atravessamos.

O calor em desabrido.

Ainda não havia eu posto a gravata, e ja a collarição estava alongada, a camisa enrugada, e as calças molhadas ali pelas conchilhas, que se eu sabesse assim haviam de enfiar que atravessaria o entudo, ja entre não gragas a falta d'agua! ha desaduso.

Pez-me então a fazer esta reflexão: o calor é attributo do cidadão, o fresco, ao contrario, o é do campo, da roça; se, pois, habes as cidades fossem edificadas na roça, esse inconveniente nunca teria existido, e as populações, muito mais felizes do que hoje, seriam ali quando os homens providentes, que tiverem sido a feliz ideia de edificar as cidades na roça.

Mas prosigamos.

Apesar de estar molhado, e ali por me, haver favorecido uma circumstancia, em um só hora da tarde, já escuro, e eu sabia que agora é uso só acende-se a gaz a meia noite.

Estava pois certo de não ser reconhecido, caso notassem pelo facto que eu estava molhado.

Apalpando, e a muito custo cheguei ao passajo publico, onde sem o reconhecer enfiar.

O guarda-porta estava dormindo na sua guarita, e não me viu passar.

Tambem eu não o reconheci, porque não estava as costas.

Tive medo de continuar, mas como pensei estar nalguma floresta desconhecida, sustente-me a curiosidade, e eu caminhei.

Não se passaram dois minutos quando eu já me vi cercado pelas pedras, a ponto de levar as mãos a ellas.

O que havia de ser? em eu que estava atolado no lago que fica em frente ao portão? Não havia eu perdido durante muitos horas, até que dei com uma especie de embanca, montanha ou que quer que seja, e subi.

Mas como achava no caminho umas couças espartas, quante miraram as mãos, reconheci ali a base da montanha, e não hesitei em ir ao objecto mais artozado, mais rochoso, que pude encontrar ali sem um vello tronco de palmeira derrubado na mata.

Estava eu neste passajo perseguido, quando a luz do dia se foi fazendo, e eu pude então reconhecer o juizo do passajo, sobre o qual estava assentado.

Tive então do todo o meu religio e olhar espantado. Era mais de um hora do madrugada!

Como fosse a hora em que se costumam acender a gaz por toda a cidade, dispuz-me a continuar no meu passeio, além de trazer grandes novidades para torar o interesse e folhetim da Comedia.

Depois de evitar as ruas por onde passam os bondes e as carroças, para não morrer antes do tempo, cheguei a rua Leopoldina, na qual endeemto não entrei por vê-la muito agitada, ajustando a roupa velha, experimentando a nova, e com tal assanhamento, que fiz-me perguntar a rua da Lampadosa o que queria aquilo dizer.

E minha visada, diz a rua da Lampadosa com ar de desdenho, é minha visada que está apramantado as mãos para fazer viagens até o Largo do Rocio. O lievo, porém, das ruas de Azeite, que avisto a resposta que me haviam dado, diz com interesse, e eu directedo sobre a loja calça e lustrava os olhos que trazia no nariz.

— Ha mais de vinte annos que oço falta do tal visado: nunca accediste a nada!

Sabli dali e encaminhei-me a verificar se o Largo do Rocio dava signal de que se communicasse com a rua Leopoldina.

Qual? dominava sobre a estrada que viessem e accordar as bandas de musica que seguem o Illustrado auctor do Guarany desde o Lyrio até a habitação do maestro.

Fui então a escola Jacome, onde estava certo de encontrar o dedicado mestre de equitação e hippitricia, que passava no picadero: maior parte de sua existencia.

— Não dia, senhor mestre, onde como vai com seus discipulos?

— (Rir) Não responde: não tenho nenhum.

— (Rir) Pois essa machada chegou da cidade, esses moços do bom tom, dadas as moedas, nos esportulos de fantasia, nos passados pelas arbutades da cidade; essas moedas de Botafogo, de S. Clemente, todas cheias de novidades do bom gosto, não cultivam a arte de montar a cavallo?

— Não cultivam, não, disse-me tristemente e intelligente sympathico mestre; eu só é que cultivo, para mostrar ao publico que não sou eu a causa de se montar a cavallo como vejo fazer-se geralmente no Rio de Janeiro.

Se podem o publico não tem ideia do que se aprende na escola Jacome, vou contar-lhe um facto.

Fui um dia; eu encontrei no picadero picadito, com aquillo ar de quem não conhece as difficuldades e perigos da hippitricia. Ha eu pois muito lampião, quando vejo vir correndo um cavallo agastado e selvagem, como boca aberta e a pua levantada, que parecia que quer engolir o mestre Jacome, que caminhava recuando a evitar o perigo.

— Adres, adres minhas encomendas! disse eu, está bem accedido o mestre de equitação!

E fui-me pondo no andar da rua.

Pois bem, dali a tres dias volte ao picadero; o cavallo já fazia todas as habilidades, desajeitados para um moço de daquella índole, a ponto de deitar-se, pular, dançar, e até servir de moeda para os cavalheiros quando do batalha que está pendente o Doutor Americo.

E dizem que o Jacome nao conhece a sciencia do cavallo.

Mas eu, que vou sabendo embanca do escola Jacome, deparei na rua, com o Doutor Larissim Netto, que trazia debaixo do braço alguns volumes de um livro que acaba de imprimir sobre as sciencias naturaes e em particular sobre o mesmo nacional.

— Caspito! disse-me o Dr. Netto, e ja que eu encontrei tenho a honrada de entregar este volume a redacção da Comedia Social.

Abri então o volume e fui admirado a perceber, o estudo, e a erudição do autor, o qual depois de ter sido devidamente apreciada pelo Instituto de France, por occasião de uns trabalhos que fez sobre botânica, voltou a sua patria, onde se dedica seriamente as sciencias, que tanto conviam estudiosos no Brazil, terra tão prodigiosamente fecunda, e rica de dons naturaes.

Agora é impossivel ir-se ao mesmo sem levar-se em bolso de braço o livro do Doutor Netto, livro de Hingogeny ameno e facil, que por si abrange de todas a sciencia necessaria para quem quizer visitar prodigiosamente as variadas collecções do Museu.

Voltando para casa passei pelo café do Bragança, grande institucção luso-brasillica que tanto rumo tem feito nestes últimos dezzannos.

O café estava excellentissimo, mas o leite, como em toda a parte, estava tão bom que privava-me de continuar com prazer a minha excessão pelas colheas que me causou.

Tuizobora.



Em Paris,

— Só tem cosas á venda! como é estãto que o Sr. está tão gordo?
 — Isso lá, minha bacia, é porque ha duas mezes que só como tutano.

— Acabado a pane de vacca, comem os Parisienses a comer os caraios, vaiios.

Em Paris

Acabados os cavallos, os cavalleiros veem-se obrigados a andar montados nos seus lacaios.



A fome obrigou os Parisienses a comerem gato, isto é, a mesma lrebo dos tempos da paz.

Sustentão os gastronomos de Paris, que o cão companheiro inseparavel do homem, é muito mais repugnante que o gato.

O que pozão é peior é a bomba prussiana, que dizou ser dura de roer-se.



Cara que fez a Inglaterra ao saber dos primeiros desastres da França.

Cara que fez a mesma quando soubo que Mr. Thiers lhe Bistia a porta.

Cara que fez a Inglaterra quando começou a sentir a falta da França.